

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA BAHIA: O PERCURSO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Roberto Gondim Pires¹

RESUMO: *O presente estudo tem como objetivo principal analisar a trajetória da formação profissional em Educação Física na Bahia, procurando recuperar uma das possíveis histórias desta área de conhecimento neste Estado. A razão que nos motivou a mergulhar nesta temática foi a necessidade de produzir fontes que, pelo menos em determinado aspecto, registre e guarde a memória desta área do saber no Estado da Bahia. A investigação pretendida tem como eixo central de discussão perceber as influências que os Cursos Superiores de Educação Física na Bahia sofreram nas suas implementações; a que demandas respondiam e sob que objetivos foram idealizados, assim como de que forma se articularam na organização e desenvolvimento da Educação Física na Bahia. Com o fim de analisar a trajetória da Formação Profissional da Educação Física na Bahia, buscaremos utilizar fontes documentais, além de entrevistas com atores desta temática, buscando desta forma promover relações mais estreitas entre a memória dos entrevistados com outras fontes documentais.*

Palavras-chave : História; Educação Física; Bahia.

INTRODUÇÃO

Este estudo insere-se no Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, tendo como campo de pesquisa: história da Educação Física na Bahia; história de instituição de nível superior; história da disciplina e formação profissional. Traz no seu bojo a perspectiva de contribuir com a pesquisa histórica da Educação Física brasileira, mais especificamente no Estado da Bahia, entendendo a relevância que possui para esta área de conhecimento e particularmente para o desenvolvimento da historiografia da Educação Física brasileira.

A presente pesquisa pretende fazer um estudo histórico da Educação Física na Bahia, com recorte temporal da década de 1970 até os dias atuais, período de existência de Cursos Superiores de Educação Física na Bahia. Ademais, embora o período proposto para o estudo possa parecer muito largo e amplo, não existe de nossa parte a pretensão de reconstruir exaustivamente uma trajetória, ou muito menos esgotar as possibilidades de escrita da história sobre o assunto. O intuito deste trabalho não é o de contar a História da Educação Física na Bahia, mas sim de examinar certos aspectos que nos animam no momento. Enfim, este trabalho busca perceber mudanças, diferenças e continuidade nos discursos e na prática no tocante à Formação Profissional em Educação Física na Bahia, bem como procura analisar acontecimentos que marcaram uma época e/ou contribuíram para outros acontecimentos representativos posteriormente.

O problema central desta pesquisa é: Qual a trajetória da Formação Profissional em Educação Física na Bahia?

Na verdade, o que se pretende é analisar, à luz das fontes documentais disponíveis, assim como dos depoimentos dos professores e dirigentes de Cursos Superiores de Educação Física na

¹ Mestre em Educação (PUC-SP). Doutorando em Educação (UFBA). Professor Assistente da UESB. gondim@uesb.br.

Bahia: sob que ambiente foram implementados os referidos Cursos? para responder a quais demandas? quais foram as suas ações mais efetivas na implementação de projetos definidores na organização e/ou reorganização das diretrizes de políticas de Educação Física, Esporte e Lazer para o Estado da Bahia?

O estudo de Pires (2001), de alguma forma, revela a forte influência sofrida pela primeira Escola de Educação Física da Bahia, Universidade Católica do Salvador, pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos – ENEFD – primeira Escola de Educação Física civil do Brasil criada em ambiente universitário, contudo criada sob a forte influência militar. Essa Escola (ENEFD) desempenhou um determinante papel na formação profissional da Educação Física brasileira, sendo na época considerada como Escola Padrão da Educação Física no Brasil. A ENEFD interferia diretamente em seus alunos, muitos dos quais, na qualidade de bolsistas, que, ao voltarem aos seus Estados, divulgaram o conhecimento adquirido e/ou auxiliaram na organização da Educação Física.

Pires (2001) conclui seu trabalho dizendo “a influência da ENEFD na organização/desenvolvimento na Educação Física baiana foi marcante e está identificada. Agora, se tudo isto ainda está refletido na prática é assunto para outras pesquisas”.(p-78).

Acreditamos que muito se tem a fazer e sistematizar sobre a história da Educação Física na Bahia, e, sob meu olhar, este estudo não encerra nada, ele talvez inaugure uma possibilidade de fazer outras investigações, que discuta estas e outras questões em sentidos diversos.

Enfim, colocamo-nos o desafio de reconstruir uma das possíveis histórias da Educação Física baiana, pois entendemos que, para a melhor compreensão do momento atual, faz-se mister o estudo e a compreensão da sua gênese, a busca de nossas raízes.

PESQUISA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA

A pesquisa histórica na Educação Física brasileira tem experimentado, nos últimos anos, algo que até bem pouco tempo atrás era difícil de se imaginar. Observa-se hoje, tanto quantitativa, quanto qualitativamente, um volume de produções das mais diferentes temáticas e das mais variadas localidades.

Acreditamos que este salto que, por assim dizer, a Educação Física experimentou, foi muito por conta do quadro que começou a se configurar na década de 1980. Escrever sobre a história da Educação Física no Brasil passa a ser um mecanismo e um meio de refletir sobre suas práticas elaboradas no passado, sugerindo novas propostas de atuação profissional no presente.

Na perspectiva de discussão e elaboração de novas práticas de atuação profissional, já foram realizados vários Encontros Nacionais específicos e lançados vários volumes do livro: Pesquisa histórica na Educação Física brasileira, uma importante obra que, segundo seu organizador, Ferreira Neto (1996), oferece em seu conjunto um panorama da pesquisa histórica no que se refere a objetos, orientações teóricas, fontes, periodização; reunindo num mesmo espaço, parte da produção mais relevante da pesquisa histórica da Educação Física brasileira.

Infelizmente essa preocupação relativa à história da Educação Física, refletida diretamente no aumento da produção científica e nas ações acima levantadas, parecem não encontrar muito eco na Bahia, Estado que comporta atualmente quinze cursos de formação de professores, mas que não tem privilegiado estudos do ponto de vista histórico.

A única obra que tratou o assunto até o ano de 2001 é a de autoria do Professor Alcyr Naidiro Fraga Ferraro, A Educação Física na Bahia: memórias de um professor, publicada no ano de 1991 pelo Centro Editorial e Didático da Universidade Federal da Bahia. Essa obra, embora importante, necessita de outros estudos que discutam seus assuntos em sentidos diversos. Isso de alguma forma deixa uma lacuna no sentido de não preencher as necessidades da demanda

oriunda dos quinze cursos de formação que temos atualmente na Bahia: Universidade Católica do Salvador, Universidade Federal da Bahia, Faculdades Montenegro, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Universidade do Estado da Bahia (Guanambi e Alagoinhas), Faculdades de Tecnologia e Ciências (Salvador, Itabuna e Vitória da Conquista), UNIME, Faculdades do Instituto Social da Bahia e Universidade Estadual de Santa Cruz, Faculdades Jorge Amado, Faculdade Nobre.

A outra obra é a dissertação de mestrado do professor Roberto Gondim Pires (2001) no qual o autor procurou fazer um estudo histórico da Educação Física na Bahia, com recorte temporal entre as décadas de 1940 a 1970. A problemática central do estudo foi identificar a influência da então Escola padrão da Educação Física brasileira, ENEFD, na organização e desenvolvimento da Educação Física no Estado da Bahia.

A carência literária a respeito da história da Educação Física na Bahia, bem como a inexistência de arquivos acessíveis, documentos e registros que retratem e que de alguma forma preserve a memória desta área de saber em nosso Estado, levaram-nos a mergulhar neste tema. Não temos a pretensão em momento algum de escrever a história definitiva. Temos a clareza de que precisaremos de outros estudos que discutam tal história em sentidos diversos. Nossa pretensão fundamental é proceder uma discussão adequada dentro das características adotadas: uma possível interpretação histórica traçada a partir das fontes elencadas.

Na verdade, estas minhas modestas reflexões encaminham para outras análises, talvez mais aprofundada da pesquisa histórica, ou seja, porque não se faz pesquisa histórica sobre Educação Física na Bahia? onde estarão as causas? na Formação Acadêmica? por que os pesquisadores não acham importante? o campo de estudos é muito árido e complexo?

Porém, acreditamos que quase tudo está por fazer e tudo é possível. Já não é cedo para pesquisar sobre a história da Educação Física na Bahia, história esta que precisa ser documentada, com os autores e sujeitos sociais que a construíram a partir de suas ações. Segundo Carr (1996), "o passado que devemos estudar não é um passado morto, mas um passado que ainda está vivo no presente". Assim, se o passado tem determinada relação com a compreensão do presente, o presente também apresenta parâmetros, inferências e injunções que balizam nossa ida ao passado.

Nos últimos anos, tem sido possível notar um significativo aumento nas produções relativas à história no âmbito da Educação Física brasileira. Depois de um longo período, nutrindo-se exclusivamente dos estudos de Fernando de Azevedo e de Inezil Penna Marinho, estudiosos pioneiros da história da Educação Física e do Esporte no Brasil, verifica-se, a partir da década de 1980, um crescente número de iniciativas ligadas a essa temática.

Segundo Melo (1999), a história da pesquisa histórica da Educação Física no Brasil pode ser classificada em três fases.

Na primeira fase podemos considerar que

... a produção nacional era pequena, a utilização de livros importados era notável. Destaca-se os livros de Laurentino Lopes Bonorino e colaboradores (1931), primeira publicação específica do gênero escrita no Brasil, e as contribuições de Fernando de Azevedo. (Melo, 1999, p. 33).

O próprio conceito de história busca origens da evolução da Educação Física, dentro de um visão dos acontecimentos históricos que, encarados como um progresso linear, servem para legitimar e explicar plenamente o presente.

A segunda fase, como afirma Melo (1999), "é marcada pelo início de uma produção e preocupação maior com os estudos históricos, tantos nos aspectos qualitativos quanto nos quantitativos" (p.35).

Destaca-se neste período a obra de Inezil Penna Marinho que, para Melo (1999), constitui-se num “dos maiores, senão o maior, estudiosos da história da educação física e do esporte no Brasil” (p.35). A obra de Marinho citado por Melo (1999), “é um exemplo de estudo histórico bem desenvolvido nos padrões da história documental-factual” (p.35). Conforme Melo (1999), o que diferencia substancialmente a obra de Marinho da fase anterior é:

... sua preocupação central com a história da Educação Física e do Esporte no Brasil, até então pouco abordada em estudos que preferiam uma abordagem mundial mais ampla; e passam pela sua incrível erudição e preparação teórica, que o leva, por exemplo, a utilização de fontes mais diversificadas: leis, teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e de Pernambuco (além da Faculdade de Direito), livros pioneiros relacionados à área de Educação Física e Esporte, súmulas e resultados de competições esportivas, jornais e outros periódicos, livros sobre a História do Brasil, entre outras. (p. 36).

Contudo, de acordo com Melo (1999), a obra de Marinho não rompe decisivamente com a fase anterior:

... a periodização ainda é exterior ao objeto de estudo, isto é, ligada a periodização política nacional; suas obras ainda são um levantamento de datas, fatos e nomes, apresentados sequencialmente, ano após ano, sem uma preocupação maior com a análise crítica deste material; continua a apresentar uma "história oficial", onde os grandes expoentes recebem lugar de privilégio absoluto. (p.36).

A terceira fase da pesquisa histórica da Educação Física brasileira, para Melo (1999), é caracterizada pela mudança das características dos estudos até então desenvolvidos, “a partir, fundamentalmente, da crítica à obra de Inezil Penna Marinho e como pano de fundo de uma inspiração teórica marxista” (p.39). Neste sentido, destaca-se o estudo: Educação Física no Brasil: a história que não se conta, de Lino Castellani Filho, publicado no ano de 1988, hoje, ainda, uma das obras mais lidas em nossa área. É importante destacar e neste sentido contextualizar que esta obra surge bastante influenciada pelas discussões peculiares à Educação Física da década de 1980, portanto muito mais preocupada em fazer uma crítica ideológica da Educação Física até então do que seguir o rigor necessário que o estudo histórico requer.

Este estudo pode ser considerado um marco, uma vez que abre a possibilidade para novas pesquisas sob a orientação da concepção marxista de história, apresenta uma visão panorâmica dos papéis sociais representados pela Educação Física no palco social brasileiro. Este texto, segundo Ferreira Neto (1996), é inovador tanto na abordagem marxista que inaugura na historiografia da Educação Física brasileira, quanto na utilização do uso de fontes.

Embora nesta fase as mudanças e rupturas que levantamos acima tenham sido extremamente significativas, mais notadamente o desvelar dos aspectos ideológicos, orientados pela concepção marxista, Melo (1999) nos conta que alguns problemas das fases anteriores persistiram, “além de um novo problema ter emergido (ou reemergido): metodologicamente, no que se refere à história, as obras são mais confusas e incompletas” (p.39).

A periodização continua a se submeter a especificidades exteriores ao objeto, além de referendarem uma impressão de continuidade e linearidade sempre tão presente em todas as fases anteriores; a história é entendida como responsável por explicar linearmente o presente, fato agravado por uma compreensão que parte do presente com hipóteses traçadas já basicamente confirmadas, o que

praticamente faz forjar no passado os elementos necessários para provar a hipótese inicial; a exasperação da crítica ao caráter documental-factual das obras anteriores findou por muitas vezes no dispensar de datas, fatos e nomes, tão importantes em qualquer estudo historiográfico.(p.39).

De qualquer forma, o caráter panorâmico do trabalho de Castellani Filho (1988) deixou os espaços necessários para outros estudos mais aprofundados sobre determinados períodos, em que já se anuncia uma mudança de postura nos estudos históricos em nossa área. É nesse particular que surgem as pesquisas de Soares (1994) e Goellner (1992).

Soares aprofunda a discussão sobre o pensamento médico-higienista como marca registrada do contexto social brasileiro e, inclusive, da Educação Física no período de 1850 a 1930. Já Goellner percebe uma lacuna ao traçar a trajetória do método francês da instituição militar até a instituição escola, com atenção no período de 1920 a 1946.

No debate que se estabeleceu recentemente no campo da Educação Física, tem sido posto em tela um outro modelo, ou poderíamos chamar, conforme Melo (1999), um *Novo Movimento* de se construir o conhecimento histórico. Nesta perspectiva podemos situar os estudos de Lima (1980), Bercito (1991), Lima (1992), Paiva (1994), Melo (1996), Grunennvaldt (1997) e Pires(2001), entre outros. Estes estudos têm sua identificação principalmente pela aproximação, claramente assumida pelos sujeitos, em relação às contribuições plurais das ciências sociais para a produção do conhecimento histórico.

Assim, os autores supra-citados apresentam com objetividade e clareza o que e como as categorias de Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Le Goff, Edward Thompson e Antônio Gramsci foram utilizadas, respectivamente, em suas pesquisas. As fontes utilizadas nestes estudos foram diversificadas: além de documentos escritos, foram utilizadas entrevistas (depoimentos e história de vida) e visuais (fotografias, filmes, capas de revistas).

Descrição metodológica

Uma abordagem metodológica consciente, consistente e adequada é sem dúvida um grande passo para melhorarmos a qualidade de nossa produção historiográfica, afastando, inclusive, a concepção de que um amontoado de datas e fatos agrupados cronologicamente pode ser considerado um bom estudo histórico. (Melo, 1996).

Compreendendo que, durante muitos anos, a Educação Física brasileira norteou-se por uma concepção positivista de história, cuja característica de história *acontecimental* esteve sempre em destaque, optamos por lidar com outra concepção de história, em que dentre outras coisas tenha um enfoque totalizador do objeto de investigação, na busca não só de aparências mas de todo desenrolar do objeto investigado, buscando conhecer e compreender a realidade como práxis.

Neste sentido, acreditamos que, no nosso contexto, a história oral nos abre uma grande possibilidade de sistematizar uma possível história da Educação Física na Bahia, pois, segundo Le Goff (1996);

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras, signos, paisagens e telhas .(p.540).

Importante ser posto que a busca de uma contribuição histórica crítica e original não deve significar, contudo, abandonar de datas e fatos: “Não se pode desprezar um rigoroso esforço em armazenar datas e fatos, que começam a se perder, talvez por interpretações errôneas de críticas aos estudos documentais-factuais” (Melo, 1996, p.4). Devemos fugir, entretanto, de verdades estabelecidas, tentando compreender as contradições existentes no desenvolvimento histórico de qualquer objeto de estudo. Le Goff (1990) crê que a cronologia...“continua sendo um conjunto de referências que sem dúvida deve ser enriquecido, flexibilizado, modernizado, mas que permanece fundamental para o próprio historiador, para o jovem e para o grande público” (p.7).

A história oral temática, proposta metodológica do presente estudo, compromete-se com:

... o esclarecimento ou opinião do colaborador em relação a algum fato definido. Ela busca a verdade de quem presenciou um acontecimento ou que pelo menos dele tenha alguma versão discutível ou contestatória. Admite o uso do questionário ou entrevista guiada para esclarecer os fatos e detalhes. Baseia-se tanto em documentos como em fontes orais, que servem para esclarecer informações contidas nos documentos analisados. (MOLINA & AZEVEDO, 1998, p.17).

Assim procuramos redimensionar o uso convencional das fontes estabelecidas, buscando, dessa forma, um diálogo entre os documentos oficiais e fontes (tudo que presta a contar a história, todos os vestígios que nos permitam ampliar a compreensão historiográfica, sejam documentos, relatos orais, iconografias, etc.) de outra natureza, prioritariamente os relatos orais.

Embora a entrevista seja o cerne e a parte fundamental dos estudos que se utilizam da história oral, é preciso ser dito que nem todo estudo que se utiliza de entrevista é um estudo de história oral. Assim, para um estudo caracterizar-se como tal, é preciso ter determinados cuidados: preocupar-se com o não dito, isto é, sinais dos mais variados, silêncios, falhas de memórias; preocupar-se em não só revelar fatos, mas esclarecê-los a partir da compreensão de quem os viveu de alguma forma; preocupar-se fundamentalmente com os aspectos históricos; transcrevê-los na íntegra, já que um dos objetivos é produzir um documento histórico.

"... o testemunho, quando possível, é sempre enriquecedor. A Educação Física vem assimilando procedimentos metodológicos da história oral há alguns poucos anos e a experiência tem sido frutífera e sobrevive às críticas - às vezes ferozes" (Oliveira, 1998.p.8). Éclea Bosi (apud Oliveira, 1998), sai em nossa defesa, pois considera, como nós, que a veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas conseqüências que as omissões da história oficial.

A partir da compreensão do desempenho e da trajetória do sujeito, o indivíduo que vivenciou o momento histórico, conseguiremos ampliar nossas fontes de informações, já que isto nos possibilitará perceber os elos significativos de conexão entre os acontecimentos relatados.

Por fim, procuraremos promover um cotejamento das informações colhidas nestas diferentes fontes, utilizando-as como eixo central de discussão.

Os sujeitos da pesquisa são os professores, ex-alunos e dirigentes de Cursos Superiores de Educação Física da Bahia, sem a preocupação de amostragem estatística; a análise dessas entrevistas será muita mais qualitativa, a partir da visão do pesquisador.

Cabe-nos lembrar que existem muitas lacunas históricas em nossa área e que as experiências com o levantamento de fontes e organização de arquivos, fundamentais para os que se envolvem com a história, ainda têm se mostrado bastante incipientes.

Acreditamos que as fontes orais mostram-se bastante interessantes para uma reconstrução da história, considerando também aspectos subjetivos; resgate de informações

perdas; ampliação dos estudos em áreas marginalizadas, em que predominam zonas de obscuridades. Assim, optamos por duas perspectivas simultâneas e não excludentes: as preocupações de contemplar lacunas deixadas pela documentação tradicional, privilegiando a memória por si só como objeto de estudo e as ligações entre história e memória. Enfim, consideramos que as fontes orais não só são interessantes como também imprescindíveis na tentativa de possibilitar uma original investigação da história da Educação Física em um Estado (Bahia), no qual ela não foi profundamente discutida.

Finalmente cabe esclarecer que, no desafio de construir uma História da Educação Física na Bahia, temos a pretensão e disposição de respeitar as visões e posições encontradas entre memória e documentos, mas temos a clareza que, como pesquisador, precisamos fazer considerações próprias, a partir do nosso ponto de vista, considerações impregnadas de um processo de interpretação que de forma alguma exclui nossa percepção de mundo.

Ao tentar escrever uma possível História da Educação Física na Bahia, pretendemos fundamentalmente perceber alguns aspectos de seu cotidiano. E longe de desconsiderar os inúmeros acontecimentos que foram observados no cenário histórico nacional (o governo ditatorial; a queda de uma ditadura; a transformação brutal do país rumo à industrialização; a promulgação da nova LDB; a produção de uma constituição; a mobilização e ascensão dos movimentos sociais, inclusive dos estudantes; a ascensão de um trabalhador à Presidência da República; dentre outros), não pretendemos privilegiá-los em nossa análise, a não ser aqueles reflexos e impactos de diferentes naturezas que por ventura forem perceptíveis e determinantes para a compreensão do cotidiano de nosso objeto. Nossa preocupação básica está em demonstrar as lógicas internas que se estabeleceram nesse cotidiano.

FRAGMENTO DE UMA HISTÓRIA

O primeiro curso de Educação Física da Bahia

É importante ressaltar que um dos idealizadores e batalhadores pelo primeiro curso de Educação Física na Bahia, talvez o principal, foi o professor Alcyr Naidiro Fraga Ferraro, que estudou na ENEFD, na década de 1940, e que desde que retornou à Bahia teve como principal meta a criação de uma Escola Superior de Educação Física na Bahia, a fim de qualificar, segundo ele, cerca de 95% de profissionais leigos que haviam no Estado. Tal escola seria a da Universidade Católica do Salvador (UCSAL).

Na Bahia, a primeira iniciativa, frustrada, de criação de um curso superior de Educação Física data de 1942. Depois de outras iniciativas, a questão da criação de uma Escola Superior de Educação Física na Bahia tornou-se uma meta primordial da Associação dos Professores de Educação Física da Bahia (APEFB), quando da terceira gestão na presidência do professor Alcyr Naidiro Fraga Ferraro, no biênio 1971/1972.

Para tanto, era fundamental mostrar à comunidade e às autoridades constituídas do Estado, através da imprensa falada, escrita e televisionada, a necessidade da criação da Escola de Educação Física. Os 95% dos professores não qualificados, trabalhando nos estabelecimentos de ensino público ou particular, eram o atestado de que aquela situação não poderia continuar. (Ferraro, 1991, p. 69)

Com esta constatação, a APEFB começou a designar membros, comissão executiva, para visitar autoridades, visando sensibilizá-los para a criação da Escola de Educação Física. Neste sentido foram feitas visitas ao Reitor Lafaiete Ponde, da Universidade Federal da Bahia, e ao Jornal *A Tarde*, que dava bastante destaque em suas manchetes:

... a Escola é uma necessidade, pois em todos Estados da Federação já existe, inclusive Amazonas, Sergipe e outros, para não citar São Paulo, com mais de 10 Escolas, Minas Gerais com 5, Rio Grande do Sul com 3, e assim sucessivamente. (apud Ferraro, 1991, p.70)

... a criação de uma Escola terá reflexo nos ginásios, colégios e Universidades e no próprio esporte, sendo importante para a infra-estrutura dos desportos baianos. (apud Ferraro, 1991, p. 70)

O professor Alcyrr Ferraro (1991) comentou que esta comissão executiva da APEFB também visitou a Câmara Municipal de Salvador. Em seguida, o vereador Ib Matos apresentou um requerimento à mesa diretora, solicitando que fosse instalada a Escola de Educação Física da Bahia. Na Assembléia Legislativa, também foi encaminhado um requerimento pelo Deputado Newton Macedo Campos, pedindo a instalação da Escola Superior de Educação Física na Capital, assim como em cidades do interior, como Feira de Santana, Vitória da Conquista, Juazeiro, Ilhéus ou Itabuna.

Neste contexto os jornais que circulavam na Bahia continuavam a publicar notícias, como uma forma de pressão.

- MDB quer Escola de Educação Física. (Jornal da Bahia, 18/08/1971).
- Professores manifestam-se pela Escola de Educação Física. (A Tarde, 20/08/1971).
- Educação Física. Por que não temos uma Escola? (Jornal da Bahia, 31/08/1971).
- Escola de Educação Física em funcionamento é meta. (A Tarde, 17/09/1971).
- Educação Física é valor excepcional de um povo. (A tarde, 28/09/1971).
- Escola de Educação Física: A eterna promessa. (A Tarde, 26/09/1971).

Nesta conjuntura, conta-nos o Professor Alcyrr Ferraro (1991) que ele recebeu um conselho da Professora Leda Jesuíno, Diretora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, no sentido de pensar não na fundação de uma escola e sim de um curso de licenciatura a ser instituído numa unidade de ensino em uma das Universidades existentes, pois desta forma tornaria mais simples a sua criação por viabilizar o curso dentro de uma estrutura já existente, sem alterar, no fim, os objetivos – formar licenciados em Educação Física.

Demovido da idéia de criação de uma Escola Superior de Educação Física, os professores Alcyrr Ferraro, Miranda e Fernando Chagas, todos ex-alunos da ENEFD, procuraram uma forma de sensibilizar o então governador do Estado, Antônio Carlos Magalhães, em uma de suas visitas no Colégio Estadual da Bahia (Central). Os professores incluíram na programação de uma festividade do colégio uma demonstração de ginástica, com aproximadamente 500 alunos, ocupando, segundo Ferraro (1991), praticamente todo o espaço físico das instalações desportivas e áreas adjacentes. Após a demonstração, a comissão executiva da APEFB com mais três alunos foram solicitar ao governador a instalação de uma Escola de Educação Física, ao que, segundo Ferraro (1991), obtiveram a seguinte resposta: “Escola Superior isolada na Capital eu não crio, instalamos Universidades no interior”. A comissão não recuou e fez-lhe uma contra- proposta no sentido de firmar um convênio com a Universidade Católica do Salvador para principalmente fazer uso das instalações da Vila Olímpica. A isso o governador de pronto respondeu : “topo”. Ferraro (1991).

A partir de então, segundo Ferraro (1991), todo o grupo viveu seis meses de expectativa da criação efetiva do curso com aprovação no Conselho Universitário e autorização do vestibular. Só em 27 de dezembro de 1972, em reunião do Conselho Universitário foi aprovado o Curso de Educação Física da Universidade Católica do Salvador, para entrar em funcionamento

a partir de 1973. Para ingresso no curso, o candidato deveria prestar o vestibular para a área II (Ciências Biológicas). Classificado, o candidato passaria por uma bateria de testes, com exames clínicos, de laboratórios e biométrico – avaliação da aptidão física, que se consistia de testes de habilidades motoras, teste de Cooper e teste de eficiência natatória.

O curso inicialmente não tinha nem mesmo sede própria, desenvolvendo suas atividades em várias localidades, como nos conta Ferraro (1991)

As matérias pedagógicas eram dadas na faculdade de Educação e no Convento da Lapa, as médicas na Escola de medicina e saúde pública, e as matérias profissionalizantes da Educação Física eram ministradas pelo Departamento de Educação Física da Universidade Católica do Salvador, na Vila Olímpica da Bahia, graças ao convênio entre o Governo do Estado e a UCSAL (Ferraro, 1991, p. 79)

O curso de Educação Física da UCSAL, na sua criação, possuía 36 disciplinas. Era perceptível a separação entre as disciplinas para homens e para mulheres, mais notadamente nos 5º e 6º semestres, mas ambos eram obrigados a cumprir 36 disciplinas para a conclusão do curso.

Pudemos observar que, das 36 disciplinas que compunham o currículo da UCSAL na sua fundação, cinco disciplinas organizam seus conteúdos à luz das Ciências Humanas: Filosofia, Estudos dos Problemas Brasileiros, Teologia, Português e Língua Instrumental. Seis disciplinas tratam do conhecimento pedagógico: Prática de Ensino, Metodologia, Organização da Educação Física e do Desporto, Didática, Estrutura e Funcionamento do Ensino do 1º e 2º graus e Psicologia (se seus conteúdos corresponderem aos da Psicologia da Educação, da aprendizagem ou do desenvolvimento; se não, ela é uma disciplina de formação geral). Oito disciplinas organizam seus conteúdos à luz das Ciências Biológicas: Anatomia, Biologia, Biometria, Fisiologia, Higiene, Cinesiologia, Socorros e Urgência e Fisiologia do Esforço, e 17 disciplinas que tratam do desporto: Atletismo I, Atletismo II, Ginástica I, Ginástica II, Ginástica III, Ginástica IV; Ginástica Olímpica, Ginástica de Reabilitação, Natação I, Natação II, Basquetebol, Voleibol, Rítmica, Handebol, Recreação, Futebol ou Rítmica II, Pesos e Alteres ou Rítmica III.

É importante destacar que, na época da fundação do curso de Educação Física da UCSAL, em 1973, a influência da ENEFD já era claramente decrescente, não sendo considerada mais como Escola Padrão. Apesar disso e de outros fatores, como, por exemplo, a Reforma Universitária (1968) que, entre outras coisas, modificou a estrutura dos cursos universitários, prevendo currículo mínimo com disciplinas de formação geral – o curso da UCSAL, criado 34 anos após o da ENEFD, não deixou de guardar uma certa identidade no que se refere às suas disciplinas. O que talvez possa diferenciar o curso da UCSAL do da ENEFD no que se refere ao currículo seja o predomínio das disciplinas desportivas no curso da UCSAL, o que parece revelar um reforço da concepção de Educação Física centrada na aptidão física, mas notadamente privilegiando os esportes.

Só após quinze (15) anos, a Bahia conseguiu conquistar mais um curso superior em Educação Física na Bahia, O Curso da UFBA, que nasceu apontando para um modelo diferenciado de formação, talvez influenciado pela Unidade de sua instalação, Faculdade de Educação da UFBA, e não em Instituto de Saúde, ou Escola isolada e, neste sentido, acreditamos que o convívio com outras áreas de conhecimento possibilitou um alargamento na perspectiva de formação profissional em Educação Física no Estado da Bahia, conseguindo influenciar os outros cursos que se seguiram, tornando-se referência para a Educação Física baiana.

REFERÊNCIAS

- BERCITO, S.D.R.. *Ser forte para fazer a nação forte, a educação física no Brasil (1932 – 1945.)*. Dissertação (Mestrado em História Social) - USP. 1991.
- BETTI, M.. *Educação Física e sociedade*. São Paulo: Movimento. 1991.
- BURKE, P. (org).. *A escrita da história*. São Paulo: UNESP. 1991.
- CATARINO FILHO, M. R.. *Educação Física no Estado Novo: história e doutrina*. Brasília.. Dissertação (Mestrado em Educação) UNB. 1982.
- CASTELLANI FILHO,L.. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas : Papyrus. 1988.
- FERRARO, A. N. A educação física na Bahia: memórias de um professor. Bahia CEDUFBA. 1991.
- FERREIRA NETO, A. (org).. *Pesquisa histórica na Educação Física brasileira*. Vitória: CEFD – UFES. 1996
- GOELLNER, S. V.. *O método francês e a educação física brasileira: da caserna à Escola*. Porto Alegre.. Dissertação (Mestrado em Educação Física). UFRGS. 1992.
- GRUNENVALDT, J. T. *Escola Nacional de Educação Física e Desporto: o projeto de uma época..* Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Sergipe. 1997.
- LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas: Unicamp. 1992.
- LIMA,L.M.. *Os militares, o populismo e suas influências na educação física em Goiás*. Goiânia.. Dissertação (Mestrado em Educação) UFG. 1992.
- LIMA, M. A.. *O corpo no espaço e no tempo: a educação física no Estado Novo(37-45)..* Dissertação (Mestrado em Educação) FGV. 1980.
- MARINHO, I. P.*Contribuição para a história da educação física: Brasil Colônia- Brasil império- Brasil República*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1943.
- MELO, V. A. de.. *ENEFD: uma possível história*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) UEC. 1996.
- _____. História oral e história da educação física no Brasil: uma possibilidade necessária. In. *II Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Coletânea*. Ponta Grossa. 1996.
- _____. *História da Educação Física e do Esporte no Brasil: Panoramas e Perspectiva*. São Paulo: IBRASA. 1999.

OLIVEIRA, V. M. de. (Org.). *História oral aplicada à Educação Física brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Central. 1998.

PIRES, R. G.. A influência da Escola Nacional de Educação Física e Desporto (Rio de Janeiro) no desenvolvimento da Educação Física da Bahia, décadas de 1940 – 1970. Dissertação (Mestrado em Educação) PUC-SP. 2001.

PAIVA, F. S. L.. *Ciência e poder simbólico: no CBCE*. Vitória: UFES/ CEFD. 1994.

SOARES, C. L.. *Educação Física: raízes européia e Brasil*. Campinas: Autores Associados. 1994.

SOUZA, E. S. de.. *Meninos, à marcha! Meninas, à sombra*. Campinas. Tese (Doutorado em Educação) UEC. 1994.